



Câmara Municipal de São Paulo

01 - PL
01-0608/91-5

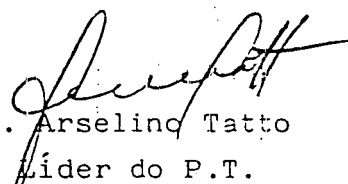
" PROJETO DE LEI

"Denomina Carlos Augusto de Queiroz Rocha a Rua inominada no Jardim São Francisco - Subdistrito de Campo Limpo."

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO DECRETA:

- 1 - Fica o Executivo autorizado a denominar Rua Carlos Augusto de Queiroz Rocha a atual Rua sem denominação, situada no Jardim São Francisco - Subdistrito de Campo Limpo.
- 2 - As despesas decorrentes com a presente lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessária.
- 3 - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das sessões, 31 de Outubro de 1991.


ver. Arsélio Tatto
Líder do P.T.

Denomina legado
Carlos A. G. Rocha, a.
Jd. S. Francisco - Campo Limpo - SP
AR Campo Limpo
do bairro do Jardim



60831

Câmara Municipal de São Paulo

J U S T I F I C A T I V A

FEITO DE SABER, AMOR E POESIA

Professor, cientista social, Carlos Augusto de Queiroz Rocha, foi, a ma de tudo um poeta que dedicou sua inteligência e sensibilidade à emancipação de um povo.

Nascido a 30 de Outubro de 1951 na cidade de São Paulo, o professor Carlos Augusto de Queiroz Rocha, o professor Guto, ou simplesmente Guto, com carinho e o chamavam seus alunos, amigos e familiares; era filho de D. Dulcina Queiroz Rocha e do Sr. Martim Francisco de Queiroz Rocha.

Carlos Augusto iniciou seus estudos nas Escolas Agrupadas Campo Belo, Dual EMPG Chiquinha Rodrigues, onde em 1962 concluiu o antigo curso primário.

Em 1964 ingressou no curso ginasial do Colégio Estadual Dr. Ministro Costa Manso, onde permaneceria até a conclusão do 2º Grau, em 1970. Nessa escola viveu os dias agitados de 1964, e, cedo revelou sua indignação com os rumos que a vida política brasileira viria a conhecer sob o regime da ditadura militar implantada no Brasil.

Com o ascenso das lutas estudantis em 1968, Carlos Augusto não vacilou em participar ativamente das atividades estudantis contra o regime militar. Tão logo deixava suas aulas no C.E. Dr. Ministro Costa Manso, dirigia-se habitualmente à então tradicional Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, instalada na Rua Maria Antonia, para levar sua adesão e sua imensa alegria aos embates e debates que ali pareciam encontrar o terreno ideal para frutificarem.

Extrovertido, alegre e sempre solidário, Carlos Augusto era querido por todos que se uniam na luta pelo fim do regime militar. Neste período, embora fosse ainda secundarista, participava das reuniões com inúmeros universitários mostrando segurança e firmeza na apresentação de seus pontos de vista.

Não demorou para transformar aquilo que poderia ser apenas um entusiasmo juvenil, ganhando contornos de opinião solidamente formados. Carlos Augusto, talvez, já soubesse, era um poeta, e para homens dotados dessa sensibilidade e vocacionados para o gozo de vida em liberdade, os tempos negros que se abateriam com a edição do Ato Institucional nº 5 foram muito tristes. Verificava-se uma inversão total de valores; poetas eram perseguidos como terroristas. Calabar era o herói daqueles mandatários que não hesitavam em trocar o bem pelo mau. Assim, Carlos Augusto foi preso em 18.07.69 espancado e torturado.



Câmara Municipal de São Paulo

Este episódio duro para ele, serviu no entanto para revelar aos seus amigos o lado de bravura e coragem que escondia-se atrás de sua figura loira sensível e frágil. Impiedosamente interrogado para delatar seus amigos, não o fez, e conquistou ainda mais o respeito e admiração daqueles jovens que haviam feito das lutas pela liberdade em nosso país a razão de suas vidas.

Pouco tempo depois, em 1978, voltou a dedicar-se aos estudos preparando-se para o vestibular do curso de Ciências Políticas e Sociais na Fundação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde ingressou em 1974, classificando-se em 1º lugar. Nesta escola, durante o curso, que concluiu em 1977, além de excelente aluno era admirado por seus colegas pela cordialidade e dedicação à todos. Em 1978 ingressou no Curso de Mestrado em Ciências Políticas na Universidade de São Paulo. Sua antiga paixão política era agora analisado para uma pesquisa orientado pela Drª Maria do Carmo Campelo de Souza, sobre o Partido Socialista Brasileiro, no período compreendido entre os anos de 46/66.

Nesta mesma ocasião era monitor do curso de especialização e participação popular, Movimentos Sociais e Urbanos, na Pontifícia Universidade Católica.

Os alunos e colegas que com ele conviveram nessa época, testemunham seu brilho, que animava a todos.

Seu bom desempenho neste curso de aperfeiçoamento lhe garantiu um convite da PUC para lecionar Métodos e Técnicas de Pesquisa, naquela Universidade, durante os anos de 1978 e 1979.

O Brasil conhece então novos tempos, a abertura política, a anistia eram fatos reais. Preocupado com a realidade de nossa juventude e com o destino da educação dos jovens, por quem havia se empenhado em sua adolescência e juventude, Carlos Augusto decide-se por abraçar o magistério na rede estadual de ensino e passa a ministrar aulas no município de São Sebastião, na EEPSG Plínio Gonçalves de Oliveira e na EEPSG Walker Vergani, no mesmo município. Neste período também colabora com apreciação e revisão para a Editora Moderna e Editora Brasiliense.

Não se sabe se por desilusão com o ensino público ou se porque sua alma sentia o quanto seria mais útil dedicando-se aos nossos índios, resolve ligar-se à alfabetização dos Waimiri-Atroari em sua própria língua.

Em 89 passa a integrar o Quadro do Sub Programa Waimiri-Atroari em um convênio FUNAI/ELETRONORTE, na aldeia do Amazonas. Ensinando e alfabetizando essa população em sua própria língua, Carlos Augusto deixa uma contribuição de relevante valor. Compõe uma equipe para a elaboração de um dicionário bilingue Portugues/Waimiri-Atroari. Esta mesma equipe reuniu e publicou um livro de histórias e mitologia daquele povo, além de um manual de saúde



Câmara Municipal de São Paulo

bilingue e um método de aprendizagem básico no idioma Waimiri/Atroari.

É na densa Floresta Amazônica, onde encontrava-se com sua aura clara e sua honestidade incomensurável, dedicada à preservação da cultura daqueles povos ameaçados de extinção, que sua saúde fragiliza-se até levá-lo à morte.

Perdíamos, em 06 de Outubro de 1991, um paulistano brilhante, um amigo verdadeiro, um homem como muitos da geração de 68, feito somente de amor, dignidade e dedicação ao próximo. Enfim, um verdadeiro poeta.

Sua obra literária é composta de poemas e contos e nos foi legada em dezena de cadernos nos quais a prof. Carlos Augusto de Queiroz Rocha distilava sua sensibilidade. Poeta de talento e, comprometido com seu tempo, sua obra apresenta real valor literário.

Permaneceu entretanto, inédito. Seus amigos e familiares encontraram-se no momento inventariando sua produção a fim de publicá-la.

Uma cidade deve espelhar seus homens, especialmente aqueles que em vida tornaram-se exemplo de dignidade, a fim de que as gerações futuras encontrem gestos e ações nas quais possam espelhar-se.

Assim cremos que ao homenagear-mos o prof. Carlos Augusto de Queiroz Rocha, eternizando seu nome e seu exemplo num logradouro de nossa cidade, estaremos nos comprometendo com a construção de uma São Paulo mais humana.